



**Curso de Letras  
Habilitação: Licenciatura  
em Língua Portuguesa e  
Respectivas Literaturas**

**Graduação  
Módulo 2**

**Prof<sup>a</sup> Lealis Conceição Guimarães  
Literatura Infanto-Juvenil**

*Embora vivamos em plena era da imagem e do som, o livro continua a ser o instrumento ideal no processo educativo (ou pelo menos, deveria ser...).*

**Nelly Novaes Coelho**

*.... a leitura de textos literários (como confirmam muitas pesquisas) não vem fazendo parte nem do lazer, nem da formação profissional dos professores em geral.*

**Malu Zoega de Souza**

*A construção do personagem como herói, mesmo quando este herói é problemático, possibilita não só uma chave decifratória do texto como a análise, que nos interessa mais de perto, de como a criança e o jovem – sujeitos em formação – poderão desenvolver o processo de identificação e rejeição com as características dominantes dos personagens.*

**Sonia Salomão Khéde**

## APRESENTAÇÃO

Na disciplina Literatura infanto-juvenil, estudaremos um pouco dos conceitos que envolvem a história da literatura infanto-juvenil e da crítica relacionada à leitura do texto literário na educação básica, que compreende os ensinamentos fundamental e médio. Pretendemos desenvolver, nos graduandos do Curso de Letras, habilidades e competências para apreensão e discussão dos assuntos citados, preparando-os para o exercício profissional como professores de língua portuguesa e respectivas literaturas.

Neste trabalho, em anexo, indicamos a bibliografia básica e complementar em que nos apoiaremos nas aulas da disciplina. Como bibliografia básica, temos: **Literatura infantil:** teoria, análise, didática, de Nelly Novaes Coelho, que nos mostra a relevância da experiência de leitura de textos literários no contexto atual, em que predominam a imagem e o som; **Literatura juvenil em questão:** aventura e desventura de heróis menores, de Malu Zoega de Souza, que nos propõe uma reflexão sobre o ensino de literatura juvenil, do ponto de vista da indicação do professor e da recepção do jovem leitor; e **Personagens da literatura infanto-juvenil**, em que Sonia Salomão Khéde discute os perfis culturais a que estão relacionadas as personagens da literatura apresentada às crianças e aos jovens.

Além das obras citadas, sugerimos, na bibliografia complementar, a leitura de outras publicadas por estudiosos do assunto, com o objetivo de proporcionar ao aluno um leque de opções para pesquisar e completar o seu conhecimento.

## Conceitos e história da literatura infanto-juvenil

Para iniciarmos o assunto, precisamos refletir sobre alguns questionamentos, cujas respostas encontramos no livro **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**, escrito por Lajolo (2002):

1. Como podemos conceituar a literatura infantil e a juvenil?

Tanto a criança à qual se destina a literatura infantil é uma construção, quanto o jovem ao qual se destina a literatura juvenil é outra construção, ambas sociais. E, na condição de satélites de construções sociais, tanto o *infantil* de uma quanto o *juvenil* de outra são conceitos instáveis: o que é literatura infantil, em determinado contexto, pode ser juvenil em outro e vice-versa (LAJOLO, 2002, p. 24).



2. Como podemos reconhecer historicamente o que é literatura juvenil e o que é infantil?

O *jovem*, leitor virtual da literatura juvenil, bem como a *criança*, leitora virtual da literatura infantil, são construções da história. [...]

Não foi sempre que tais categorias existiram, muito embora as pessoas tenham sempre tido sete, dez e quinze anos. O reconhecimento de diferentes fases ao longo da vida e a distribuição das populações por tais faixas é, de um lado, fruto do progressivo estudo do comportamento; responde, por outro, pelo agrupamento de pessoas em torno de certas características comuns que, coletivizando-lhes a identidade, aloja-as num lugar social mais seguro (LAJOLO, 2002, p. 25).

3. Como se explicam tais construções relacionadas à literatura infanto-juvenil?

Considerar *infância*, *adolescência* ou *juventude* como *construções sociais* não significa, entretanto, que tais construções não tenham sustentação objetiva: se não a tivessem, não teriam credibilidade, não seriam convincentes e, portanto, *não funcionariam*, pois não sustentariam o delicado movimento de interiorização pelo qual tais categorias reforçam (determinam, deflagram?) comportamentos, atitudes, sentimentos, *etcétera*.

É principalmente nesse *etcétera* que atua a literatura. Em movimentos de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de *criança* e de *jovem* (LAJOLO, 2002, p. 26-7).

A partir das considerações de Marisa Lajolo, estamos todos convidados para uma rápida viagem pelo túnel do tempo, através da história da literatura infanto-juvenil, considerando-se que, em geral, a compreensão do texto literário se constrói na relação dialógica com as obras anteriormente publicadas. Vamos embarcar?



Será que nos recordamos de alguém que gostava ou gosta de contar histórias? Esse é um costume que se perdeu no tempo, já que hoje são poucas as famílias que se dedicam aos momentos prazerosos em que os mais velhos revivem suas vidas através das histórias que contam.

Ao estudarmos a evolução histórica da literatura infanto-juvenil constatamos que muitas obras literárias originariamente escritas para adultos, aos poucos passaram a fazer parte do universo infantil e juvenil. Isso significa que a literatura infanto-juvenil não nasceu para as crianças e nem para os jovens, mas foi apresentada a eles pelos adultos que as conheciam.

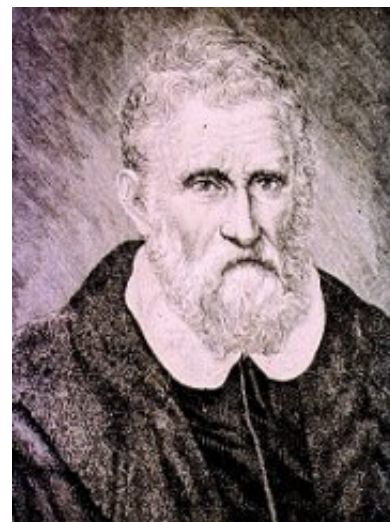
No período correspondente à Idade Média, na Europa, surgiu uma literatura popular destinada ao público adulto, a qual preconizava a lealdade irrestrita e a obediência cega ao severo chefe do clã, como convinha ao regime feudal. Depois vieram as Cruzadas, com a Cavalaria que, impregnada do sentido humano do Cristianismo, dava a conotação romântica às histórias narradas em prosa e verso, impondo-lhes marcas, como honra pessoal, ardor guerreiro dos personagens e amor cortês em relação à mulher.

As histórias medievais, incrementadas pelas descrições maravilhosas de terras desconhecidas povoadas por seres imaginários, contribuíram para o enriquecimento

do folclore europeu. Criaram-se narrativas repletas de mistérios para que os heróis os desvendassem e alcançassem a bem-aventurança. Como exemplo, lembramos as aventuras dos cavaleiros do Rei Arthur em busca do Santo Graal, o cálice sagrado usado por Jesus na última ceia. Outras alimentavam o sonho da prosperidade econômica da burguesia, ao apresentar lugares fantásticos, como a lenda sobre o Eldorado, lugar em que jorrava a o ouro, símbolo da riqueza.

Dentre as várias narrativas que começaram a ser transmitidas às crianças, por meio dos adultos, **As viagens de Marco Polo**, da autoria do navegador veneziano Marco Polo (1254-1324?), é considerada uma das mais importantes obras européias do século XIII. Nela, misturam-se aventura e fantasia com ingredientes da história e relatos de viagens extraordinárias.

Outras eram derivadas da tradição oral do povo, que as inventava para tentar explicar os sentimentos humanos diante da vida e da morte, o passado e o futuro, as causas e os efeitos; e para justificar tanto as derrotas como o heroísmo, já que a atuação dos heróis correspondia aos anseios do povo. A partir do século XII, as histórias do folclore despertaram o interesse de escritores que começaram a recolhê-las, aprimorá-las e registrá-las por escrito.



A literatura caracteriza-se como manifestação artística da palavra escrita e o folclore, por outro lado, não tem pretensão artística. A literatura, reconhecida como criação erudita, normalmente tem autor definido e o folclore, mais popular, não tem paternidade definida. Apesar das diferenças, a literatura e o folclore configuram-se como formas de arte que expressam o conhecimento do mundo e do homem.

O povo, ao retransmitir fatos folclóricos de geração em geração ou de um lugar para outro, faz valer o dito popular “quem conta um conto aumenta um ponto”. Tal acréscimo se deve aos aspectos emocionais e à experiência de vida do contador das histórias. À proporção que ele viaja, conhece a vida, passa por sofrimentos e alegrias, pode matizar suas narrativas amenizando-as ou agravando-as.

Nesse sentido, a intensidade da fabulação de um contador de histórias das tribos primitivas ou a de um escritor pode ser a mesma, uma vez que a criação baseia-se no sonho, na fantasia de cada um. Muitas vezes, do folclore, que tem caráter popular, pode resultar a literatura, considerada erudita. Dessa forma, o folclore, expressão coletiva de autoria desconhecida, alimentou e ainda alimenta a literatura infanto-juvenil.

No folclore, a oralidade está presente na linguagem e na variação das histórias contadas sobre o mesmo tema. Quanto à narração oral, Barbosa (1997) assinala que

**Contar histórias** é a mais antiga das artes. Nos velhos tempos, o povo se assentava ao redor do fogo para esquentar, alegrar, conversar, contar casos. Pessoas que viviam longe da pátria contavam e repetiam histórias, para guardar suas tradições e sua língua (BARBOSA, 1997, p. 17).

Havia, e ainda há, histórias com caráter particular ou regional, compreendidas por um público específico, e outras universais, divulgadas entre as mais diversas culturas, sensíveis às adaptações de acordo com o contexto. Na região nordeste do Brasil, por exemplo, a literatura oral está presente nos textos coligidos pela literatura de cordel, narrativa em versos lida ou até cantada nas festas populares. Considerando-se, em alguns casos, a dificuldade de escolarização do povo, “muitos ouvem essas narrativas em verso porque não poderiam lê-las sendo analfabetos”, de acordo com Paulino et al. (2001, p. 20)

Ainda para destacar a figura representativa do “contador de histórias” nas diversas culturas, Busato (2003) criou um manifesto, do qual selecionamos alguns trechos:

O contador de histórias cria imagens no ar materializando o verbo e transformando-se ele próprio nesta matéria fluida que é a palavra.

O contador de histórias empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado.

O contador de histórias nos faz sonhar porque ele consegue parar o tempo nos apresentando outro tempo.

O contador de histórias, como um mágico, faz aparecer o inexistente, e nos convence que aquilo existe (BUSATO, 2003, p. 9).





Na Dinamarca, Andersen também consegue encantar os pequenos leitores com sua fértil imaginação e graça melancólica em narrativas marcadas pelo caráter maravilhoso tão presente na tradição oral de seu povo, como em **O patinho feio**, **O soldadinho de chumbo** e **A pequena sereia**, dentre outras.

Tamanha foi a contribuição desse autor para a literatura infanto-juvenil que se comemora o “Dia Internacional do Livro Infanto-juvenil” na data de seu nascimento, 2 de abril. Outro tributo à sua memória é a Medalha Hans Christian Andersen, com que a conceituada *International Board on Books for Young People* homenageia, anualmente, os melhores escritores da literatura infanto-juvenil do mundo.

Para orgulho dos brasileiros, em 1982, esse prêmio foi recebido pela escritora Lygia Bojunga Nunes, nascida no Rio Grande do Sul. A autora iniciou na literatura infanto-juvenil com **Os colegas**, em 1972, mas tornou-se conhecida a partir da publicação de **A bolsa amarela**, em 1976. Daí em diante, suas obras têm sucesso garantido entre as crianças e jovens, como **Angélica** e **Tchau**, dentre outras.



Em 2000, outra brasileira, Ana Maria Machado, que nasceu e vive no Rio de Janeiro, também recebeu esse prêmio, uma espécie de Prêmio Nobel da literatura infanto-juvenil. Em 2003, ela entrou para a Academia Brasileira de Letras. Entre seus livros mais famosos, destacamos **História meio ao contrário** (1977), **Bisa Bia Bisa Bel** (1982), além de **Alguns medos e seus segredos**, **Do outro lado tem segredos** e outras.

Voltando ao nosso roteiro pela Europa, vamos à França, onde Fénelon (1651-1715), conhecido por sua preocupação com a educação dos jovens, foi nomeado preceptor do duque de Borgogne, a quem dedicou o romance **As aventuras de Telêmaco**, dentre outras obras que escreveu. O protagonista da narrativa é Telêmaco, filho de Penélope e Ulisses (o herói grego da Odisséia), que sai em viagem, aventurando-se à procura de seu pai, acompanhado pelo sábio Mentor, que lhe ensina uma série de valores morais, com o objetivo de educá-lo para ser um bom governante.



Mais tarde, já no século XVIII, em 1726, temos **Viagens de Gulliver**, uma das mais célebres obras de Jonathan Swift (1667-1745), que satiriza as instituições sociais inglesas da sua época e as pessoas que delas faziam parte.

Há ainda, **Robinson Crusoé**, famoso romance publicado em 1719 pelo escritor inglês Daniel Defoe (1660-1731), que conta a história da luta de um náufrago para conseguir sobreviver, apesar da hostilidade da natureza.

Khéde (1990) assinala que a literatura infanto-juvenil remete, tradicionalmente, ao século XVIII,

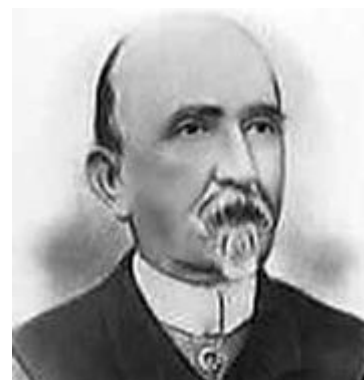
cujos fundamentos ainda norteiam a produção literária infanto-juvenil contemporânea, com algumas inovações determinadas pela evolução histórica da humanidade, como “a existência de um mercado de bens culturais onde o livro passou a integrar a sociedade industrial e de consumo” (KHÉDE, 1990, p. 5).





Na ficção científica, quem não se recorda das deliciosas histórias contadas pelo francês Júlio Verne (1828-1905), que ainda hoje nos transporta para a exploração de mundos desconhecidos do futuro, onde acontecem situações aparentemente absurdas? Sua primeira grande criação literária foi **Cinco semanas em um balão** e depois publicou também **Vinte mil léguas submarinas**, **Viagem ao centro da terra** e **A volta ao mundo em oitenta dias**, suas obras mais conhecidas.

Na Itália, o jornalista e escritor de livros para crianças Carlo Lorenzini (1826-1890), sob o pseudônimo de Carlo Collodi, publicou **As aventuras de Pinóquio**, sete anos antes de sua morte. Pinóquio era um boneco de madeira que se transformou em ser humano, através da educação que recebera. A grande lição de sua obra é mostrar os benefícios do aprendizado transformador que humaniza a criança e incute nela a noção de responsabilidade.



A partir de uma peça de teatro apresentada e de um conto para adultos, que fizeram grande sucesso, o dramaturgo escocês James Barrie (1860-1937) criou o personagem **Peter Pan**, em 1904. A história do menino que não queria crescer, cujo título inicial foi **Peter Pan and Wendy**, publicado em 1911, encanta crianças há quase cem anos.

O matemático e padre inglês Lewis Carrol, pseudônimo de Charles Dodgson (1832-1898) escreveu **Alice no país das maravilhas**. A história tem como protagonista a menina Alice que vê um coelho, vai atrás dele e entra no País das Maravilhas, onde vive experiências incríveis. A estranha obra fascinou o público, em especial o infantil, e tornou-se um clássico da literatura mundial,

No Brasil, a literatura infanto-juvenil teve períodos de “elogio ao mundo rural, à moralidade e ao patriotismo”, no início do século XX com os escritores Olavo Bilac e Coelho Neto, como nos lembra Neuza Ceciliato de Carvalho, no seu artigo “Realidade e fantasia: um diálogo constante n’A terra dos meninos pelados, de Graciliano Ramos”, publicado no livro **Narrativas juvenis: modos de ler**, organizado por Faria. Carvalho (1997, p.15) afirma ainda que tais temáticas foram abandonadas nas décadas de 20 e 30, apesar de se continuar a tratar de



temas folclóricos e escolares, porém, de um ponto de vista menos pedagógico, seguindo as tendências do movimento modernista. Com *Narizinho arrebitado*, em 1921, de Monteiro Lobato, a literatura infanto-juvenil ganhou autonomia temática e estética, bem como mais liberdade para falar de problemas reais do país e de conflitos interiores das crianças (CARVALHO, 1997, p. 15).



No Brasil, a partir das inovações de Monteiro Lobato, as temáticas passaram a dar mais espaço à fantasia do mundo da criança, através das personagens criadas.

No site oficial de Monteiro Lobato, encontramos mais informações sobre a sua primeira obra de literatura infantil, **A menina do narizinho arrebitado**:



Com capa e desenhos de Voltolino, famoso ilustrador da época, o livrinho, lançado no Natal de 1920, fez o maior sucesso. Dali nasceram outros episódios, tendo sempre como personagens Dona Benta, Pedrinho, Narizinho, Tia Nastácia e, é claro, Emília, a boneca mais esperta do planeta. Insatisfeito com as traduções de livros europeus para crianças, ele criou aventuras com figuras bem brasileiras, recuperando costumes da roça e lendas do folclore nacional. E fez mais: misturou todos eles com elementos da literatura universal, da mitologia grega, dos quadrinhos e do cinema. No Sítio do Picapau Amarelo, Peter Pan brinca com o Gato Félix, enquanto o saci ensina truques a Chapeuzinho Vermelho no país das maravilhas de Alice. Mas Monteiro Lobato também fez questão de transmitir conhecimento e idéias em livros que falam de história, geografia e matemática, tornando-se pioneiro na literatura paradidática - aquela em que se aprende brincando (18 DE ABRIL, 2006).

Mais tarde, o título da obra **A menina do narizinho arrebitado** sofreu variação para **Reinações de Narizinho**, como a reconhecemos atualmente.

Dentre os livros publicados por Monteiro Lobato, relacionamos aqui os de literatura infanto-juvenil: **Reinações de Narizinho** (1931), **Viagem ao Céu e O Saci** (1932), **Caçadas de Pedrinho e Hans Staden** (1933), **História do mundo para crianças** (1933), **Memórias da Emília e Peter Pan** (1936), **Emília no país da gramática e Aritmética da Emília** (1934), **Geografia de Dona Benta** (1935), **Serões de Dona Benta e História das invenções** (1937), **D. Quixote das crianças** (1936), **O poço do Visconde** (1937), **Histórias de tia Anastácia** (1937), **O Picapau Amarelo e A reforma da natureza** (1939), **O minotauro** (1937), **A chave do tamanho** (1942), **Fábulas** (1922), **Os doze trabalhos de Hércules - 1º. tomo, Os doze trabalhos de Hércules - 2º. tomo** (1944).

O escritor ficou conhecido também pela criação do personagem símbolo de sua obra, Jeca Tatu, em 1914. Nessa época, o autor publicou, no jornal **O Estado de São Paulo**, a imagem de um caboclo sem objetivo na vida, feio e grotesco, ignorante e preguiçoso, comparando-o ao habitante do interior, que vive apenas do que a natureza lhe dá.

Quanto à literatura infanto-juvenil brasileira, no final dos anos 60, os autores buscam os temas sociais e existenciais, abordados com um certo realismo, como reação oposicionista ao caráter pedagogicamente conservador dos anos anteriores.

Durante o período da ditadura militar, a ideologia dominante reflete-se nos valores incutidos nas crianças e nos jovens, por meio da literatura para crianças. Diante disso,

a criança perde a autonomia dos heróis do Sítio do pica-pau amarelo e volta a ser infantilizada, submissa aos adultos, e os escritores, por meio de seus textos, adotam uma postura doutrinária de sujeição e dependência da criança.

A linguagem impõe o padrão culto da burguesia urbana, desprestigiando as falas rural e popular, já tratadas literariamente pelo modernismo e incorporadas à nossa literatura (FARIA, 1999, p. 21).



Ainda segundo Faria (1999), da década de 70 para cá, algumas editoras, preocupadas com a ampliação dos consumidores do mercado dos livros, começaram a direcionar o trabalho dos escritores para os temas mais vendáveis. Outro aspecto que devemos considerar é que o governo federal passou a incentivar a publicação de livros da literatura infanto-juvenil e distribuía-os para as escolas públicas.

No seu artigo no livro **Narrativas juvenis: modos de ler**, organizado por Maria Alice Faria, Juvenal Zanchetta Jr. comenta que a popular Série Vagalume, cuja edição foi iniciada pela Editora Ática, em 1974, “é o melhor exemplo do processo de difusão por que passou a literatura infanto-juvenil nos últimos anos” (FARIA, 1997, p. 84). Muito bem divulgada, a série teve um número significativo de volumes, devido às histórias que cativavam os jovens.

No entanto, a publicação da Coleção do Pinto, iniciada em 1975, pela Editora Comunicação, de Belo Horizonte, revolucionou a literatura infanto-juvenil brasileira, na década de 70, e causou muita polêmica entre os educadores da época. A intenção da editora era desmistificar o tratamento dado à temática e à visão de mundo, nessa literatura, como podemos verificar:

Apresentamos a COLEÇÃO DO PINTO, cujo editor propõe basicamente duas coisas: mostrar o mundo de hoje, massificado e violentado pelo consumismo, e trazer para esta série, além de autores consagrados da literatura para crianças e jovens, escritores conhecidos da literatura em geral.

Estes são os temas destacados pela coleção:

1. o da relação do indivíduo consigo mesmo, com as emoções e mistérios da própria existência (morte, deficiência física, violência familiar, fracasso, iniciação sexual e afetiva);
2. o da relação do indivíduo com seu semelhante, desbordando no século XX, os limites toleráveis e ameaçando a própria organização social (menor abandonado, miséria rural e urbana, distanciamento entre classes sociais, preconceitos raciais);
3. o da relação do homem com seu meio ambiente em que se vêm instalando fatal desequilíbrio, pela devastação irresponsável e predatória da natureza (YUNES ; PONDÉ, 1982, apud FARIA, 1999, p. 21-2).

Devemos ressaltar o pioneirismo e a relevância dos temas da coleção, os quais hoje são recomendados para discussão em todos os níveis da educação básica.

A literatura infanto-juvenil apresenta uma produção de vanguarda com textos de qualidade crítica respeitável, “que criam uma nova linguagem, articulando a narrativa com a ilustração”.(KHÉDE, 1990, p. 56). Dentre outros autores brasileiros, ou que adotaram o Brasil como pátria, e algumas de suas obras, podemos anotar:

- Cecília Meirelles (1901-1964): **Criança meu amor, Olhinhos de gato, Janela Mágica;**
- Maria Clara Machado (1901-2001): **A viagem de Clarinha** e peças de teatro, como **O rapto das cebolinhas, A bruxinha que era boa, Pluft, o fantasminha;**
- Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): **História de dois amores, O poder ultrajovem;**
- Mário Quintana (1906-1994): **Nariz de vidro, Lili inventa o mundo;**
- J. J. Veiga (1915-1999): **Tajá e sua gente;**

- Clarice Lispector(1920-1977): **Quase de verdade, O mistério do coelho pensante, A mulher que matou os peixes;**
- Marcos Rey, (1925- ): **Um cadáver ouve rádio, Sozinha no mundo;**
- Ruth Rocha( 1931- ): **O reizinho mandão, O que os olhos não vêem;**
- Sylvia Orthof (1932-1997): **A velhota cambalhota, Uxa, ora fada, ora bruxa,**
- Ziraldo (1932- ), escritor e cartunista: **O pequeno planeta perdido, O menino da lua;**
- Ganymedes José (1936- ): **Por uma semente de paz, Corações de pedra;**
- Elias José (1936- ): **Um rei e seu cavalo de pau, Vera Lúcia, vida e luz;**
- Moacyr Scliar (1937- ): **Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar, Navio das cores;**
- Juarez Machado (1941- ): **Ida e volta;**
- Pedro Bandeira(1942- ): **A droga da obediência, O fantástico mistério da Feiurinha;**
- Mirna Pinsky( 1943- ): **Voar, As muitas mães de Ariel;**
- Eva Furnari (1948- ): **Zuza e Arquimedes, Violeta e Roxo;**
- Domingos Pellegrini (1949- ): **A árvore que dava dinheiro, Os meninos crescem;**
- Mary França ( 1954- ): **A roupa do rei, Chapéu de palha;**
- Stella Carr: **O fantástico homem do metrô, O enigma das letras verdes;**
- Ivana Versiani: **Irmã com irmã se paga, Greve na escola.**

Há ainda outros, no contexto brasileiro atual, que também merecem ser lidos e comentados pelas crianças e jovens. Não pretendemos comentar sobre os escritores, tendo em vista a exigüidade do tempo disponível. A nossa viagem pela literatura é infinda, sempre há caminhos novos a serem percorridos.

Aconselhamos aos graduandos do Curso de Letras que procurem fazer a leitura crítica de obras da literatura infanto-juvenil, preparando-se para o exercício profissional como professor de língua portuguesa e literaturas, na educação básica.

A leitura do texto literário na educação básica e a formação do leitor

O escritor Carlos Drummond de Andrade expressa muito bem o poder do homem sobre as palavras, no poema **Procura da poesia**, como comprovamos no fragmento:

Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave? (ANDRADE, 1967, p. 139).

A chave, que temos a obrigação de carregar conosco, como futuros professores de língua portuguesa e literatura, deve abrir a porta mágica da compreensão do texto. Precisamos ser bons leitores para entendermos que qualquer abordagem sobre o texto literário remete à valorização da leitura que, por sua vez, implica a relação de cumplicidade entre o autor e o leitor, intermediada pelo texto. No texto literário, tal inter-relação constitui a troca de experiências revestidas da emoção que se mistura à formação intelectual e psicológica do leitor, como comprovam os escritores brasileiros a quem remete a ABRELIVROS (Associação Brasileira de Editores de Livros), como argumento de autoridade, em material publicitário sobre o livro e a leitura:

**Ana Maria Machado**

Dá até pena de quem não teve a chance de descobrir livros bons e não sabe como é gostoso... É meio como quem nunca teve a sorte de se apaixonar por alguém e ser correspondido... (Ana Maria Machado)

**Monteiro Lobato**

Um país se faz com homens e livros. (Monteiro Lobato)

**Mário Quintana**

O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado. (Mário Quintana)

**Carlos Drummond de Andrade**

Que coisa é o livro? Que contém na sua frágil arquitetura aparente? São palavras, apenas, ou é a nua exposição de uma alma confidente? (Carlos Drummond de Andrade)

**Fanny Abramovich**

Leitura não é hábito. Ler é vício. Eu quero ver gente viciada em leitura, que viaje com a história. (Fanny Abramovich)

Ainda sobre a leitura, lembramo-nos do fragmento de um texto do material acima citado: “A verdade é uma só: quem lê enxerga melhor a vida”. Nesse sentido, compreendemos a leitura como responsável pela visão crítica do mundo que nos cerca.

Novamente remetemos ao poeta gaúcho Mario Quintana (1906-1994), a quem homenageamos na comemoração do centenário de seu nascimento. Ele declara, com sua peculiar ironia, que “os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não lêem” (QUINTANA, 1995, p. 97). A leitura, no caso, deve ser entendida de forma completa, em que a alfabetização não tem sentido com a decodificação das letras, é necessária a compreensão do que lemos e a reflexão sobre a leitura feita para aguçar o espírito crítico e praticar o exercício da cidadania.

Especialmente a leitura do texto literário, na infância e na adolescência, leva-nos a pensar na literatura infanto-juvenil. Durante muito tempo, a literatura infanto-juvenil foi considerada “menor”, marginal, porque se aludia a ela como simples fonte de distração e prazer para o “adulto em miniatura”. A valorização dessa literatura aconteceu a partir do século XX, quando os estudos da psicologia revelaram a mudança na noção de “criança”, considerando-se os estágios da evolução do ser humano, correspondentes a cada idade cronológica.

Por outro lado, a sua condição de alimento intelectual para crianças e jovens, fez com que, muitas vezes, a leitura do texto literário fosse usada simplesmente para atender aos objetivos pedagógicos, sem a exploração da sua essência como objeto de arte.

A propósito, Trevizan aponta que, “na leitura do texto literário, é sempre necessário extrapolarmos o nível do sentido literal do conteúdo por ser a Estética uma das formas mais altas da recepção textual” (1998, p. 89). Tal postura de alguns educadores e autores de livros didáticos implica a formação inadequada do jovem leitor, uma vez que ele não é estimulado a ter uma visão crítica diante de um texto caracterizado como uma manifestação artística.

Sobre o valor da literatura na formação integral do ser humano,

pode-se afirmar que a literatura é a mais importante das artes, pois sua matéria é a palavra (o pensamento, as idéias, a imaginação), exatamente aquilo que distingue ou define a *especificidade do humano*. Além disso, sua eficácia como instrumento de *formação do ser* está diretamente ligada a uma das atividades básicas do indivíduo em sociedade: a *leitura* (COELHO, 2000, p. 10).

Não podemos nos esquecer da função social da leitura, especialmente da leitura do texto literário, “como uma *aventura espiritual* que engaje o *eu* em uma experiência rica de vida, inteligência e emoções”. (COELHO, 2000, p. 32) Tal experiência deve ser adequada, aproximativamente, às fases do desenvolvimento cronológico relacionadas ao amadurecimento psico-intelectual da criança e do jovem adolescente.

Nessa perspectiva, Zilberman e Bordini (1989) propõem as diretrizes gerais para a seleção de textos literários destinados ao ensino básico (no quadro original, 1º. e 2º. graus de ensino), como ponto de partida para uma escolha de leitura:

#### QUADRO REFERENCIAL PARA A SELEÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS DESTINADOS AO ENSINO BÁSICO

Série escolar	Faixa etária	Características do leitor	Características do material literário	Assuntos/gêneros/ Personagens
Pré-escolar	2 a 5 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Egocentrismo;</li> <li>• Indistinação entre mundo interior e exterior;</li> <li>• Pensamento mágico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pouco texto ou ausente;</li> <li>• Farta ilustração, colorido vibrante;</li> <li>• Apresentação de cenas isoladas, com objetos do cotidiano, simples, individualizados e detalhados;</li> <li>• Rimas e quadrinhas;</li> <li>• Frases e períodos simples;</li> <li>• Ênfase ao ritmo e à sonoridade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Animais;</li> <li>• Cotidiano infantil;</li> <li>• Parlendas;</li> <li>• Trava-línguas.</li> </ul>

<p><b>Ensino fundamental:</b> 1<sup>a</sup>.</p> <p>2<sup>a</sup>.</p> <p>3<sup>a</sup>.</p>	<p>5 a 8 ou 9 anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Predomínio da fantasia sobre a razão;</li> <li>• Animismo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Textos de extensão breve, bastante lustrados e coloridos;</li> <li>• Estrutura narrativa linear;</li> <li>• Linguagem coloquial;</li> <li>• Imagens por comparação;</li> <li>• Transformações e deslocamentos por meios maravilhosos;</li> <li>• Natural e sobrenatural conciliados;</li> <li>• Frases e períodos mais complexos;</li> <li>• Poemas com poucas estrofes, mais rima, de caráter cômico e enfoque animista;</li> <li>• Acento no ritmo e no jogo sonoro, mas introduzindo imagens.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fadas;</li> <li>• Super-heróis;</li> <li>• Humos;</li> <li>• Lenga-lengas;</li> <li>• Baladas.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Super-heróis;</li> <li>• Animais;</li> <li>• Lenga-lengas;</li> <li>• Baladas.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Animais;</li> <li>• Super-heróis;</li> <li>• Aventuras fantásticas;</li> <li>• Baladas.</li> </ul>
<p>4<sup>a</sup>.</p> <p>5<sup>a</sup>.</p> <p>6<sup>a</sup>.</p>	<p>9 a 12 anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Raciocínio lógico;</li> <li>• Adesão ao mundo concreto;</li> <li>• Desejo de aprender sobre a realidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Textos de extensão média;</li> <li>• Menos ilustrados, mas com tratamento mais realista;</li> <li>• Estrutura narrativa linear;</li> <li>• Indecisão entre abordagem fantástica ou realista;</li> <li>• Histórias ligadas ao ambiente factual;</li> <li>• Poemas com maior número de estrofes, rima mais elaborada, menos jogos sonoros, e imagens mais ricas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Animais;</li> <li>• Super-heróis;</li> <li>• Aventuras;</li> <li>• Horror;</li> <li>• Esportes;</li> <li>• Poemas narrativos.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Animais;</li> <li>• Lendas;</li> <li>• Aventuras;</li> <li>• Horror;</li> <li>• Humor;</li> <li>• Espionagem;</li> <li>• Poemas narrativos.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aventuras;</li> <li>• Horror;</li> <li>• Humor;</li> <li>• Poemas narrativos e líricos.</li> </ul>
<p>7<sup>a</sup>.</p> <p>8<sup>a</sup>.</p>	<p>12 a 14 ou 15 anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consciência da própria personalidade;</li> <li>• Processos agressivos;</li> <li>• Formação de grupos fechados;</li> <li>• Exploração das sensações e da esfera sentimental.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Textos mais longos, de realismo aventureiro, não psicológico e de cunho sensacionalista;</li> <li>• Estrutura narrativa linear, permitindo cortes e saltos temporais;</li> <li>• Muito ritmo e suspense;</li> <li>• Poemas mais longos, enfatizando emoções e reflexão;</li> <li>• Idéias sobrepõem-se a sonoridade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aventuras;</li> <li>• Amor;</li> <li>• Horror;</li> <li>• Humor;</li> <li>• Policial;</li> <li>• Esportes;</li> <li>• Poemas sentimentais.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aventuras;</li> <li>• Amor;</li> <li>• Horror;</li> <li>• Humor;</li> <li>• Policial;</li> <li>• Esportes;</li> <li>• Poemas sentimentais, líricos e inquisitivos.</li> </ul>

Ensino médio: 1 <sup>a</sup> .	14 a 17 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Maturação da personalidade;</li> <li>• Incerteza;</li> <li>• Descoberta do mundo interior, egocentrismo crítico;</li> <li>• Desenvolvimento de escala de valores;</li> <li>• Planejamento do futuro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Textos longos, com maior intelectualização e engajamento social;</li> <li>• Temas da atualidade;</li> <li>• Estrutura narrativa complexa;</li> <li>• Linguagem mais esteticizada;</li> <li>• Poemas de maior concentração lírica e teor filosófico;</li> <li>• Valorização de sons e sentidos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aventuras;</li> <li>• Policial;</li> <li>• Espionagem;</li> <li>• Amor;</li> <li>• Poemas líricos.</li> </ul>
2 <sup>a</sup> .				<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aventuras;</li> <li>• Policial;</li> <li>• Ficção científica;</li> <li>• Humor;</li> <li>• Esportes;</li> <li>• Romance psicológico;</li> <li>• Poemas líricos.</li> </ul>
3 <sup>a</sup> .				<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aventuras;</li> <li>• Policial;</li> <li>• Ficção científica;</li> <li>• Esportes;</li> <li>• Humor;</li> <li>• Poemas líricos.</li> </ul>

Adaptado de ZILBERMAN; BORDINI, 1989, p. 30.

Na compilação do quadro, ocultamos a coluna referente ao grau de ensino por ser uma nomenclatura em desuso, atualmente.

Como podemos perceber, o caráter de literatura infanto-juvenil pode ser atribuído a qualquer gênero literário, poético, épico e dramático, tendo em vista a classificação tradicionalmente reconhecida, que será estudada com mais profundidade, neste módulo, na disciplina Teoria dos gêneros literários. Paulino et al. ressalta que

um dos determinantes dos modos de ler tem sido os gêneros de textos. Eles têm caráter histórico, relativo, mas nunca estão ausentes da constituição textual e por isso devem ser levados em conta no momento da leitura (PAULINO et al., 2001, p. 85).

Só para entendermos um pouco sobre a questão dos gêneros literários, vamos à seguinte explicação de Coelho (2000):

*Gênero* (ou forma geradora) é a expressão estética de determinada experiência humana de caráter universal: a *vivência lírica* (o *eu*, mergulhado em suas próprias emoções), cuja expressão essencial é a *poesia*; a *vivência épica* (o *eu* em relação com o outro, com o mundo social), cuja expressão natural é a *prosa*, a *ficção*; e a *vivência dramática* (o *eu* entregue ao espetáculo da vida, no qual ele próprio é personagem), cuja expressão básica é o *diálogo*, a *representação*, isto é, o *teatro* (2000, p. 163).

Esse breve esclarecimento sobre os gêneros literários objetiva facilitar a percepção do enfoque do quadro referencial sugerido por Zilberman e Bordini. Frisamos que esse quadro nos fornece informações interessantes sobre os estágios do desenvolvimento da criança e do adolescente, as quais nos servem apenas como sugestão para o nosso trabalho de incentivadores da leitura do texto literário.

Quando tratamos da questão da formação do leitor, convém ressaltar que o interesse por boas leituras deveria começar pelo incentivo da família, em especial dos pais ou responsáveis pela criança ou jovem, independentemente do grau de instrução deles. À escola, espaço educacional por excelência, cabe a lapidação da formação e da informação desse pequeno leitor, uma vez que os professores detêm a função de desenvolver neles a cultura e a cidadania, valorizando a experiência trazida do contexto familiar.

Para Souza (2003), os professores devem se preocupar com a formação de leitores, não apenas com o hábito de leitura, já que “hábito é algo que fazemos mecanicamente, sem a preocupação com a busca de significados; pressupõe repetição e, não, construção de sentidos. Existe, pois, grande diferença entre o trabalho de formação do leitor e o de formação de hábitos de leitura.” (2003, p. 14-5)

Já Aguiar e Bordini (1993) explicam a relação intrínseca entre a formação do leitor e o hábito de leitura, quando aconselham aos professores que “vale a pena investir na formação do leitor, o que significa incentivá-lo ao hábito, de modo a multiplicar a experiência literária.” E completam:

O primeiro passo para a formação do hábito de leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele. A literatura brasileira e a literatura infanto-juvenil nacionais vêm preencher estes quesitos ao fornecerem textos diante dos quais o aluno facilmente se situa, pela linguagem, pelo ambiente, pelos caracteres das personagens, pelos problemas colocados. A familiaridade do leitor com a obra gera predisposição para a leitura e o conseqüente desencadeamento do ato de ler (AGUIAR; BORDINI, 1993, p.18).

Assim, com a leitura de textos literários que comumente agradam a determinadas faixas etárias dos alunos, podemos desenvolver neles o prazer de compreender o que lêem. Em conseqüência, eles terão condições de se posicionarem com visão crítica positiva ou negativa sobre a obra e sobre o assunto tratado. Nesse sentido, valorizamos o papel do leitor, já que, “ao gerar um texto plurívoco como o literário, o emissor prevê a cooperação do leitor” (FARIA, 1997, p.63). O emissor, no caso, é o autor da obra, ou seja, o escritor, cujo texto deve ser entendido pelo seu leitor.



## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BARBOSA, Reni Tiago Pinheiro. **Pontos para tecer um conto**. Belo Horizonte: Lê, 1997.
- BUSATTO, Céio. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CARVALHO, Neuza Ceciliato. Realidade e fantasia: um diálogo constante n' *A terra dos meninos pelados, de Graciliano Ramos*. In: FARIA, Maria Alice (Org.). **Narrativas juvenis: modos de ler**. São Paulo: Arte & Ciência; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 1997 (Coleção Literatura e Ensino, v. 1), p. 15 – 33.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed., São Paulo: Moderna, 2000.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Procura da poesia. In: \_\_\_\_\_. **Obra completa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.
- 18 DE ABRIL - dia nacional do livro infantil. Disponível em: [http://libros.velix.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=37&Itemid=36](http://libros.velix.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=37&Itemid=36). Acesso em: 12 jul. 2006.
- FARIA, Maria Alice (Org.). **Narrativas juvenis: modos de ler**. São Paulo: Arte & Ciência; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 1997 (Coleção Literatura e Ensino, v. 1)
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares e Literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam**. São Paulo: Contexto, 1999 (Repensando o ensino)
- HERNÁNDEZ, Helena; BACCALARIO, Pierdomenico. **Descobrimo a Literatura**. Tradução de Zenaide Romanovsky da Silva, Eduardo Brandão. São Paulo: Ática, 2003. (Série saber mais).
- KHÉDE, Sonia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática, 1990 (Série Princípios)
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.
- MONTEIRO LOBATO: Literatura infanto-juvenil. Disponível em: [http://lobato.globo.com/biblioteca\\_InfantoJuvenil.asp](http://lobato.globo.com/biblioteca_InfantoJuvenil.asp). Acesso em: 5 ago. 2006.
- PAULINO, Graça et al. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001 (Educador em formação).
- QUINTANA, Mário. Cartaz para uma feira do livro. In: \_\_\_\_\_. **80 anos de poesia**. São Paulo: Globo, 1995, p. 97.
- SOUZA, Malu Zoega de. **Literatura juvenil em questão: aventura e desventura de heróis menores**. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2003 (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 8)
- TREVIZAN, Zizi. **As malhas do texto: escola, literatura, cinema**. São Paulo: Clíper Editora, 1998.
- ZILBERMAN, Regina; BORDINI, Maria da Glória. **Guia de leitura para alunos de 1º. e 2º. graus**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: INEP, MEC; Porto Alegre: CPL, PUCRGS, 1989 (Biblioteca da educação. Série1. Escola, v. 6).

#### EXERCÍCIOS:

Vamos verificar nossos conhecimentos sobre a literatura infanto-juvenil? Para isso, é necessária a leitura muito atenta dos enunciados e um pouco de pesquisa, antes de responder às questões propostas.

**Atenção:** as respostas devem ser com as palavras do aluno e não apenas copiadas.

1. De acordo com esse material didático, o que se deve considerar ao conceituar a literatura infanto-juvenil? Explique.
2. Pesquise e explique como se podem avaliar as inovações introduzidas por Monteiro Lobato na literatura infanto-juvenil brasileira?
3. Baseando-se nesse material, comente as propostas da Coleção do Pinto e compare-as com o ensino de literatura no contexto atual da educação básica.
4. De acordo com o livro **Personagens da literatura infanto-juvenil**, como são os personagens da literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea. Explique.
5. Ainda sobre o livro **Personagens da literatura infanto-juvenil**, comente a seguinte citação, relacionando a sua explicação a cada um dos personagens que fizeram história: “os personagens que escolhemos possuem, segundo a definição proposta, um forte apelo mítico em razão de nossa identificação cultural com o perfil simbólico que apresentam.” (1990, p. 84)

## ANEXO: BIBLIOGRAFIA DA DISCIPLINA

## 1. Bibliografia básica

- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- KHÉDE, Sonia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática, 1990.
- SOUZA, Malu Zoega de. **Literatura juvenil em questão: aventura e desventura de heróis menores**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003 (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 8)

## 2. Bibliografia complementar

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura - a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BARBOSA, Reni Tiago Pinheiro. **Pontos para tecer um conto**. Belo Horizonte: Lê, 1997.
- BUSATTO, Célio. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NOVA ESCOLA. **Contos: para crianças e adolescentes**. São Paulo: Abril, 2 v. [2004]. Edição especial.
- FARIA, Maria Alice (org.). **Narrativas juvenis: modos de ler**. São Paulo: Arte & Ciência; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 1997 (Coleção Literatura e Ensino, v. 1)
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares e Literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam**. São Paulo: Contexto, 1999 (Repensando o ensino)
- HERNÁNDEZ, Helena; BACCALARIO, Pierdomenico. **Descobrimos a Literatura**. Tradução de Zenaide Romanovsky da Silva, Eduardo Brandão. São Paulo: Ática, 2003. (Série saber mais).
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.
- PAULINO, Graça et al. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001 (Educador em formação).
- TREVIZAN, Zizi. **As malhas do texto: escola, literatura, cinema**. São Paulo: Clíper Editora, 1998.